

RITUAL E CARREIRA DAS MENINAS QUE JOGAM BOLA

Alexandre Jackson Chan-Vianna
Ludmila Mourão
Paula Gomes Botelho

RESUMO

O estudo investiga a prática recreativa de mulheres nos esportes coletivos de confronto, em projeto sócio-educativo. Dialoga dados de etnografia realizada no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro com autores relacionados à Escola de Chicago. Apresenta: i) descrição das identidades em jogo no cotidiano das praticantes; e ii) análise de 40 praticantes que tentaram fazer parte de numa turma de futebol exclusiva de mulheres. Demonstra como o ritual que inicia carreira das novatas estabelece fronteiras simbólicas, que determinarão a possibilidade de permanência numa instituição pública de lazer. Apresenta apontamentos para debate sobre discriminação e inclusão social através do esporte.

Palavras-chave: Futebol. Identidade. Projetos sociais. Gênero.

ABSTRACT

This study investigate recreational practices of women in confront collective sports in an educative-social project. Confront ethnographical data collected in Rio de Janeiro suburban with authors related to the Chicago School. Present the description of identities at play in the every day life of the practitioners and analyze 40 practitioners who tried to integrate an exclusive women soccer group. It is shown how the ritual that starts the careers of the beginners establishes symbolic frontiers that will determinate the possibilities of their permanency in a public leisure institution. Provide indications about the discussion of discrimination and social inclusion through sport.

Key words: Soccer. Identities. Social Projects. Gender.

RESÚMEN

Este estudio investiga recreación de mujeres en deportes colectivos de confronto, en un proyecto socio-educativo. Dialoga datos de una etnografía en el suburbio de Rio de Janeiro con autores relacionados a Escuela de Chicago. Presenta descripción de identidades en juego en el cotidiano de practicantes y un estudio de 40 practicantes que intentaron hacer parte de un grupo de fútbol femenino. Demostramos como el ritual que empieza la carrera de novatas establece fronteras simbólicas que determinarán posibilidades de permanencia en una institución pública de recreación. Presenta apuntamientos para debate acerca de la discriminación e inclusión social por medio del deporte.

Palabras llaves: Fútbol. Identidad. Proyectos Sociales. Género.

Através de pesquisa etnográfica, persigo compreender quais representações sustentam a permanência de mulheres no lazer, praticando esportes coletivos de confronto. Esses esportes são de tradição e predomínio masculino em nossa cultura. O ponto de partida do estudo foi o Centro Esportivo Miécimo da Silva (CEMS), localizado em Campo Grande, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Apresento, em primeiro lugar, uma síntese dos dados analisados, contextualizando as identidades em jogo no cotidiano dessas praticantes. Em seguida, apresento um recorte na turma de futebol exclusiva de mulheres. Meu objetivo específico no texto é apresentar a existência de um ritual que inicia a carreira das novatas e estabelece fronteiras simbólicas nessa turma. Para analisar o fenômeno das interações sociais, utilizo como eixo de referência, autores relacionados à Escola de Chicago, com a pretensão de compreender como os participantes de uma rede usam as convenções para coordenar suas atividades, como as convenções existentes tornam as ações coordenadas possíveis e, ao mesmo tempo, limitam as formas que elas podem tomar, e como o desenvolvimento de novas formas de aquisição de recursos torna a mudança possível (BECKER, 1977, p. 222)

Utilizo o termo esportes coletivos de confronto como categoria analítica que identifica as modalidades da pesquisa – basquetebol, handebol e futebol/futsal¹. Tomei como referência o artigo de Dunning (1992)², que descreve os “desportos de confronto” como aqueles que “constituem áreas privilegiadas para uma expressão socialmente aceitável, ritualizada e mais ou menos controlada de violência física”. A hipótese de Dunning é que, no avanço do processo civilizador de controle da violência, os “desportos de confronto” entre equipes se constituíam como área reservada de manifestação do espírito da “tradição do macho”. Os clubes onde se praticavam estes esportes seriam locais, controlados pelos homens, para garantir espaço de exercer a expressão de masculinidade e, de forma simbólica, “imitar, reificar, e caluniar as mulheres, que então, mais do que nunca, representavam uma ameaça ao seu estatuto e a imagem que tinham de si próprios” (p.410). A tradição desses esportes traz consigo a marca de uma atividade criada e praticada por homens, com características inerentes de agressividade³ e estratégias em grupo para o seu melhor desempenho.

De outro lado, o papel social das mulheres, construído ao longo da história, está relacionado às atividades ligadas ao comportamento de passividade, submissão e exigência dos padrões de beleza e feminilidade. Segundo Mourão, relatando o século XX, “a simples prática de exercícios pela mulher representava socialmente uma violência a sua estética corporal, uma ameaça a sua graciosidade e beleza⁴” (1996, p.63). Demonstrando a força desse papel refletido no campo do esporte apontava-se a natação, as ginásticas, as danças e o voleibol⁵ como atividades sugeridas e incentivadas e as lutas ou esportes coletivos de confronto, como futebol e handebol, desaconselhados

¹ Utilizo conjuntamente os dois esportes no estudo, devido às praticantes se apropriarem dessas duas modalidades indistintamente para construírem seu espaço de lazer esportivo. A partir daqui utilizarei apenas futebol.

² Os dados se referem ao rúgbi inglês do século XIX. Local e data se aproximam da origem do que conhecemos como esporte moderno.

³ O termo agressividade é usual no mundo do esporte para caracterizar uma atitude positiva do jogador de, liderança, iniciativa, proatividade, força e não apenas de uso da violência, mas esta também é uma característica desejável e valorizada em determinadas situações do jogo pelos seus praticantes.

⁴ Dados relativos as representações registradas na imprensa da época sobre as mulheres no esporte

⁵ Estes são os esportes considerados no texto como sendo da tradição feminina

ou até mesmo proibidos por lei para as mulheres (MOURÃO 1996; SOARES, LEAL, LOVISOLO 1996).

O cenário e as identidades em jogo

O bairro de Campo Grande é um típico bairro suburbano da cidade. Tem sua origem no período do império e até meados do século XX era eminentemente um local de produção rural. Está distante 60 km do centro da cidade e apesar de situar-se na direção onde aconteceu a expansão econômica dos últimos tempos, ainda é a região mais pobre da cidade. O bairro registra números de saneamento básico e urbanização muito próximos da média da cidade, mas por conta dos baixos índices de educação e renda tem o pior índice de desenvolvimento humano do município (PNAD/IBGE 2001).

O CEMS se constituía no principal local de lazer da região. Com excelentes instalações esportivas como piscinas, quadras e campo de futebol, todos em dimensões oficiais, tornou-se espaço de circulação de praticantes de esporte de todas as idades e não apenas das classes populares, mas também das camadas médias da população. No local funcionava um projeto sócio-educativo da prefeitura, onde seus agenciadores políticos objetivavam a *inclusão social*. As aulas de iniciação esportiva gratuitas, orientadas por professores de educação física, eram a principal referência, pois existiam 25 modalidades físico-desportivas, com capacidade de absorver um público semanal de 15.000 usuários. As mulheres eram maioria. A participação de mulheres adultas⁶ era de 70% do total de usuários nessa faixa etária. Embora todas as atividades desportivas fossem frequentadas por mulheres, o predomínio da escolha delas recaía nas modalidades individuais relacionadas com a estética e o bem estar corporal.

Nos esportes coletivos de confronto elas representavam menos de 30% do total de praticantes. Com origem na região, quase todas frequentaram escolas públicas, algumas alcançaram a universidade, muitas cursavam educação física. Em sua maioria circularam por diversas modalidades na iniciação esportiva, mas nessa fase poucas vivenciaram esportes coletivos de confronto no CEMS. Nos dados colhidos, a idade de 15 anos marca uma tendência de entrada. Quando feita tal escolha, ao contrário das praticantes de outras modalidades, as mulheres optavam por praticar apenas a sua modalidade preferida.

Os esportes coletivos de confronto – o futebol principalmente - eram reconhecidos como *esportes mais de homem*. Na opinião de professores e gestores do projeto, era um *fato cultural*, que não teria *como ser mudado* com suas intervenções pedagógicas. Por participarem desses esportes, as praticantes se percebiam desacreditadas em relação a seus atributos mais gerais, com isso esperavam, nos termos de Goffman (1988), que esta “identidade social virtual” estivesse sempre ocultando sua “identidade social real”. Uma delas relata uma combinação interessante do que pensa sobre o que os outros pensam dela e das praticantes de sua modalidade esportiva:

Assim falando um português claro – “sapatão”. Por que assim, basquete é: ah! Vai andar de homem, gosta de roupa larga não sei o quê... Handebol as meninas são muito mais, futebol também, entendeu? Agora vôlei não, assim, as meninas são mais, assim, delicadas entre aspas, né? Assim um pouquinho, né?(...) Dependendo do lugar que você for, pô! Eu gosto de jogar basquete e futebol, uso

⁶ As turmas no projeto eram niveladas pela idade. Os dados foram coletados nas turmas com idade entre 15 e 55 anos. A esta faixa etária me refiro quando uso a categoria “adultos”.

*muito roupa larga, poxa! Aí chegam assim, vêm de longe – ih!
 Aquela garota é sapatão. Nada a ver, não quer dizer nada.*

Segundo Goffman (1988), estigma funciona, entre pessoas sem laços de intimidade, como mecanismo de previsão dos atributos que cada um deveria possuir, de acordo com o lugar em que se encontra, e assim, norteia as atitudes na interação face-a-face. Essa classificação, no entanto, provoca uma hierarquização entre as pessoas e o estigma se estabelece quando uma pessoa “normal” imputa características depreciáveis nas “estigmatizadas”. É interessante observar como a praticante estabelece uma hierarquia, a partir da centralidade de sua modalidade – o basquetebol: menos masculino que handebol e futebol, e diferente das *delicadas entre aspás* do voleibol. Nota-se, como Goffman aponta, que “o normal e o estigmatizado não são pessoas e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos” (p. 148). A praticante mostra que o estigma é tanto sentido como utilizado por todos, para hierarquizar sua posição e organizar a face que será apresentada, de acordo com o cenário onde ocorre a interação.

A identidade é “o que está em jogo nas lutas sociais” (CUCHE, 2002 p.185). Sendo assim, está sempre relacionada a outra e ambas em uma escala hierárquica, onde quem tem mais cotas de poder tem melhores condições de estabelecer fronteiras e impor quem somos *nós* e quem são *os outros*, no mapa cultural. Para as praticantes de esportes coletivos de confronto, o espaço simbólico contestado se materializava nas praticantes dos esportes de tradição feminina. Os termos *frescas*, *delicadas entre aspás* ou *cheias de não me toque* aparecem de formas variadas para explicar o perfil dessas outras mulheres. Já *sapatão* e *brutas* marcava como as praticantes percebiam a identidade imputada a elas. A alteridade está marcada sempre nas categorias da agressividade e disputa coletiva, tal como nos espaços masculinos reservados apontados por Dunning (1992). A masculinidade era sempre exposta como uma identificação negativa a elas atribuída. Já os atributos de resistência, agilidade e sagacidade, seja para o jogo ou transportados para qualquer outra atividade do cotidiano, faziam parte da sua identificação afirmativa.

Esta identificação afirmativa e a camaradagem, que elas demonstram nos gestos e atitudes, são as razões mais relevantes para as veteranas justificarem a sua permanência nesses esportes. O pertencimento a um grupo se une a atitude lúdica e o gosto para que as *meninas que jogam bola* encontrem ali uma reafirmação de outras feminilidades possíveis.

A formação do grupo e a turma de futebol

Simmel (2005), já no início do século XX, apresentava as transformações que ocorriam no modo de vida dos indivíduos em razão da complexidade da vida urbana. Um dos aspectos fundamentais levantados pelo autor, em decorrência das rápidas mudanças e do grande e heterogêneo número de interações sociais nas grandes metrópoles, inverso ao modo de vida tradicional, é a “atitude blasé” como condição necessária para sobrevivência e proteção do indivíduo. Atitude que não se trata, segundo o autor, de uma indiferença ou frieza da alma em relação aos outros, mas uma forma de reserva, que precisamente garante ao indivíduo uma espécie de liberdade pessoal, ao estabelecer suas fronteiras de segurança na cidade. Simmel compara essa situação com a fórmula mais geral do desenvolvimento da vida social:

Um círculo relativamente pequeno, com uma limitação excludente rigorosa perante círculos vizinhos, estranhos ou de algum modo antagônicos, e em contrapartida com uma limitação includente estrita em si mesmo, que permite ao membro singular apenas um espaço restrito de jogo para o desdobramento de suas qualidades peculiares e movimentos mais livres, de sua própria responsabilidade. (p. 583)

Wirth (1967) sugere que esses grupos tenham entre os principais fatores significantes para o estabelecimento desses espaços reservados a renda, as características raciais, o status social, os costumes, gostos, preferências e preconceitos. Park (1967), mais especificamente, identifica “regiões morais” na cidade – locais isolados de encontro de afinidades, onde é possível emancipar impulsos, paixões e ideais vagos da ordem moral dominante. As regiões morais são para o indivíduo, que tem seus impulsos reprimidos pelo processo de socialização do modelo comunitário, uma alternativa de expressão mais livre de sua individualidade. É nesse processo que, segundo Park, ganha funcionalidade para a cidade, o esporte e a diversão.

Para compreender o processo de formação daquela turma de futebol de mulheres é necessário resgatar os acontecimentos anteriores e as ações dos atores envolvidos, na trama que estabeleceu uma ruptura na continuidade das aulas. Anteriormente à minha entrada no campo, a turma, que tinha um número grande de praticantes, havia sido transferida para uma quadra menos reservada do público geral que a anterior, e eliminando a possibilidade de divisão da turma em níveis de desempenho atlético.

Nesse momento, uma mobilização das praticantes, junto aos gerentes gerais do CEMS, agia contra essa mudança, que para elas, era parte da ação do coordenador no intuito de abolir a turma. Uma das praticantes, líder da mobilização, tempos depois me relatou que a atitude era motivada pelas acusações de *comportamentos inadequados* ligados a *condutas homossexuais*. Ela julgava tal atitude preconceito, pois afirmava que em seu grupo existiam mulheres homossexuais como ela própria, mas não os tais comportamentos inadequados para o ambiente. Um abaixo-assinado extenso com pedido de substituição do coordenador *preconceituoso* foi entregue a gerência do CEMS.

As pessoas que ocupavam a gerência demonstravam boa organização e *um ambiente saudável* através do número de usuários e da manutenção da ordem. A insatisfação de muitas delas e uma polêmica era tudo que desequilibrava esse quadro.

O coordenador herdara recentemente duas áreas, a de sua origem como professor, que envolvia os demais esportes coletivos e a das modalidades ligadas exclusivamente ao futebol. Isso ocorreu pela diminuição e troca de pessoal nos cargos de comando do local. A fusão das áreas colocou em disputa um único cargo vago, pouco tempo antes do conflito com as praticantes do futebol. Atuando na turma de futebol de mulheres, estava exatamente outro professor que pleiteava o mesmo cargo. Esse antigo professor exercia boa ascendência sobre as praticantes; permitia grande liberdade das mulheres; e não exigia do grupo as formalidades institucionais. Como o ambiente geral era de mudanças, o clima era de instabilidade e necessidade de afirmação de poder de cada um.

A crise entre as praticantes e o coordenador já havia envolvido a gerência, obrigando-a a tomar decisões. O coordenador alegava que não pensava em eliminar o futebol das mulheres e que isso havia sido plantado pelo professor da turma, para desestabilizá-lo. A estratégia relatada pelo coordenador, consistiu em aproveitar-se da imagem negativa da turma como argumento para negociar, junto aos gerentes, sua posição. Como as praticantes não se encontravam oficialmente inscritas no centro, era

preciso regularizar a turma. Apresentado esse relato, na necessidade de se estabelecer *ordem* na instituição, a gerência concordou que seria importante formalizar a turma e que fossem monitoradas suas atitudes. O coordenador aproveitou a mudança para também promover outro professor para a turma, anulando um pouco mais seupositor. O novo professor, então, implementou as diretrizes do coordenador, exigindo a inscrição das praticantes, dirigindo as aulas e substituindo parte do tempo de jogo por exercício técnico- analíticos.

A decisão do novo professor dividiu o grupo de praticantes. Uma parte das mulheres, muitas das que aderiram ao manifesto, ficaram insatisfeitas, pois perderam sua liberdade. Outro grupo aderiu às mudanças, aliando-se rapidamente ao novo professor, assumindo a proposta de regulamentar as práticas e as metodologias da atividade. O primeiro grupo, aos poucos, foi dispersando e sendo menos freqüente às aulas. O segundo continuou freqüentando regularmente as aulas, assumiu a liderança da turma e teve uma de suas integrantes escolhida para assistente do novo professor. Entre esses dois grupos a alteridade mais perceptível era a imagem corporal. No primeiro grupo, muitas mulheres se vestiam com roupas largas escondendo as curvas do busto, quadril e coxas; algumas eram obesas e tinham os braços musculosos; com freqüência usavam bonés, *piercings* no rosto, e tatuagens com figuras agressivas; falavam e riam alto, usavam linguagem de conotação maliciosa; se abraçavam demoradamente em qualquer situação. No segundo grupo, as mulheres vestiam-se sempre com pelo menos uma peça de roupa apertada, o que mantinha algumas curvas do corpo à mostra; eram quase todas magras e mantinham os cabelos compridos; tinham expressões corporais e verbais contidas; não se tocavam além dos cumprimentos de cordialidade. Neste segundo grupo, ao contrário do primeiro, boa parte das praticantes eram estudantes universitárias e algumas se consideravam de uma classe social mais elevada.

As ações dos atores determinaram a situação. A gerência estabelecera um pouco mais de funcionalidade no centro. O coordenador eliminara um foco de conflito na equipe de trabalho e no grupo de alunas desviantes. O novo professor assumia maior status na equipe do coordenador. As mulheres que aceitaram as novas determinações garantiram o espaço mais nobre do bairro para jogar e tornaram-se líderes do grupo. As que não aceitaram, foram chamadas pela gerência para resolver o impasse inicial, porém não compareceram. Depois disso, procuraram outro local para jogar onde pudessem manter seus hábitos. Frequentemente os dois grupos se encontravam para jogar fora do CEMS, com um bom grau de afinidade e entrosamento. As ações dos indivíduos motivadas para manter cargos, empregos, posições no grupo, local para jogar e estilos de vida levaram a exclusão das praticantes, que não se conformavam com as normas estabelecidas pela instituição.

Segundo Becker (1977), as instituições tornam-se sistemas auto-contidos de poder contra a interferência vinda de fora. Observando instituições escolares, que vivem uma tensão entre o objetivo de promover grupos sociais excluídos e a conformidade com a estrutura mais ampla da sociedade, o autor afirma que:

as instituições são os meios pelos quais a sociedade delega funções particulares a grupos especializados, sempre conservando o direito de examinar e julgar o desempenho do grupo. [os funcionários institucionais] levantam barreiras defensivas destinadas a manter os estranhos do lado de fora e impedir a sociedade envolvente de afetar diretamente a operação da instituição. (p.49)

White (2005), no clássico “Sociedade de Esquina”, apresenta uma situação semelhante, revelando as ações nos centros comunitários dos EUA. O impasse entre os rapazes formados e os rapazes de esquina, ambos descendentes de italianos, era acentuado em virtude das ações dos assistentes sociais. Embora sendo filhos de imigrantes de uma mesma origem e vivendo em condições sociais semelhantes, os indivíduos se organizavam em grupos com projetos de vida diferentes. Como o objetivo dos centros era estimular a mobilidade social, criava-se um distanciamento ainda maior entre os assistentes sociais e aqueles que enxergavam o bairro italiano e seus hábitos como condição permanente. Isso era, em certa medida, uma política consciente, pois se queria trabalhar com aqueles que se aproximassem mais da possibilidade do que se entendia como sucesso – incluir aqueles jovens no projeto da classe média norte-americana. Os (as) assistentes sociais eram “forasteiros (as)”; quase sempre, jovens mulheres trabalhando com grupos exclusivamente masculinos. Não tinham origem na comunidade e nem ao menos se preocupavam em conhecer a cultura das pessoas com quem trabalhavam.

Assim como no sistema escolar visto por Becker e nos centros comunitários do bairro pobre analisado por White, o CEMS não apresentava medidas discriminatórias objetivas, mas reduziu as oportunidades do grupo de cultura diferente – aquele que apresentava distinções do modelo normativo, ao qual se esperava que todos se espelhassem - colocando seus indivíduos em locais diferentes. Para os professores do CEMS, aquelas eram mulheres desviantes e a *inclusão social* sinônimo de conformidade às normas tradicionais. As praticantes de futebol estigmatizadas tiveram que encontrar outro local do bairro para jogar. A partir dessa ruptura iniciou-se a formação de um novo grupo, com novas lideranças, e depois, novas pretendentes.

O ritual das praticantes de futebol

Hughes (1971; 1980), pensando na totalidade da vida, demonstra a importância dos momentos críticos vividos por uma pessoa. Tendo como contexto a relação do indivíduo na metrópole, na esteira do pensamento de Simmel e Whirth, Hughes afirma que a ocupação profissional e o lazer são especialmente importantes para visualizar as etapas do ciclo da vida moderna. Nessas atividades da vida cotidiana acontecem os ritos de passagem, que levam o indivíduo de um status a outro. Hughes alerta que esses ritos, como momentos críticos, nem sempre seguem uma ordenação intencional e institucionalizada, podem também não ser completamente conscientes, mas acarretam uma nova combinação na vida, com seus conseqüentes riscos e alegrias para o indivíduo. Tais ritos de passagem vão marcando as carreiras de cada indivíduo na sociedade.

Hughes entende carreira, então, como um movimento de perspectiva, no qual a pessoa vê sua vida como um todo, interpretando o significado de seus vários atributos, ações, e do que pode acontecer para si. Além disso, esta perspectiva, na qual o indivíduo se orienta, tem como referência uma ordem social e um típico encadeamento seqüencial da atividade que ele divide com os demais na mesma ocupação. É exatamente pelas carreiras serem ações coletivas, que é possível projetar e seguir em frente. Pois, no curso da carreira, através das escolhas individuais de cada pessoa, com referência às outras, é que se interpreta e se encontra o seu próprio lugar no mundo.

Durante a pesquisa foram observadas, sistematicamente, entre os meses de agosto a dezembro daquele ano, todas as 35 aulas, que aconteciam duas vezes por

semana, no período da tarde. Prontifiquei-me a fazer a pauta de presença da turma. Além dos dados de comparecimento, comum a este documento, elaborei um instrumento que proporcionou identificar o dia de entrada na turma e a idade de cada praticante, bem como a ordem de chegada de cada uma delas no decorrer dos meses. Estes dados me permitiram analisar o tempo e as condições que cada uma utilizou para tentar permanecer ou desistir da atividade.

Desde as primeiras observações, foi possível categorizá-las em “antigas” ou “novatas”, de acordo com a participação na turma anterior ou não. No entanto, considerei como pretendentes somente aquelas que compareciam em uma segunda aula seguida, a partir do início da minha observação. O número de praticantes variou entre 11 e 18 por aula, mas passaram pela quadra e foram analisadas 40 mulheres. Além disso, todos os dias, outras mulheres, que gostariam de participar ou fizeram uma aula de experiência, estiveram no local. O que faz com que o número de pretendentes no período seja próximo do dobro da minha amostra de 40.

Durante o período observado, participaram das aulas mulheres entre 11 a 24 anos, mas 85% tinham 15 anos ou mais. Em relação à frequência, 48% fizeram duas aulas e apenas 20% mais do que 10 aulas. Os dados apontam para uma grande e diversa procura de mulheres querendo praticar futebol naquele ambiente e uma alta precocidade de desistências. O fato é um paradoxo, se considerarmos que a expectativa dos agenciadores era de *inclusão social* na atividade esportiva e demonstra, também, a grande procura pelo futebol feminino.

Ao final do tempo de observação foi possível dividi-las, entre “antigas” e “novatas”, entre as que se ausentaram e as que se mantiveram nas aulas. As que não estiveram na maior parte das aulas ou que não retornaram antes do fim da observação foram consideradas ausentes. As que perseveraram são aquelas que mantiveram presença na maior parte das aulas e estavam presentes nos últimos dias. Assim dividi o grupo em quatro categorias: antigas que perseveraram (4); novatas que perseveraram (5); antigas ausentes (12); e novatas ausentes (19). Partindo dessa divisão, analisei o comportamento da frequência diária individual em cada uma das quatro categorias, e então, cruzei este dado com os dados anteriores de faixa etária, tempo de entrada no grupo e participação nas aulas. Em seguida, através das anotações em diário de campo, da observação do cotidiano, foi possível compreender como as praticantes, a partir da sua condição inicial, interagiram nesse cenário para tentar continuar jogando.

As antigas que perseveraram estavam todas entre 18 e 24 anos. Iniciaram sua participação no grupo em agosto, frequentando quase todas as aulas desde sua entrada. Este grupo mostrou-se extremamente homogêneo, não havendo nenhuma variação marcante nos dados. Fazem parte dessa categoria as meninas que conquistaram a liderança da nova turma. Elas tinham o poder de dialogar com o professor e estabelecer a dinâmica da aula. Todas sabiam jogar e ditavam o ritmo dos jogos. Em algumas aulas, o tom era de plena competição e disputa pela vitória no jogo. Em outras situações, a diversão imperava e, deboche pelas jogadas mal sucedidas ou enaltecimento por lances bonitos, era a ordem do dia. O jogo girava em torno delas. Existia excelente convívio entre todas desse grupo, mas era notório, na rede de relações, ações em duplas bastante fixas, entre elas ou com uma novata, fossem no jogo ou nas demais interações do grupo relacionadas a prática do futebol.

As novatas que perseveraram se dividiam em dois tipos. O maior (4) era de praticantes menores de 15 anos, frequentaram de 6 a 10 aulas e tiveram faltas intercaladas a estas presenças. Algumas vieram acompanhadas pelo pai, outras sozinhas. Como nenhuma delas sabia jogar bem e tendo dificuldades em acompanhar os jogos

com as mais velhas, fisicamente dominantes, elas aguardavam, juntas e do lado de fora da quadra, uma oportunidade de jogar. Tornaram-se companheiras e não se incomodaram de estar, a maior parte do tempo, assistindo. Como não disputavam ou negociavam sua participação nos jogos, não sofriam resistência das veteranas; ao contrário, estas cuidavam em alguma medida para que elas estivessem satisfeitas, dando-lhes atenção e dicas nos exercícios de fundamentos.

O outro tipo era composto por uma única praticante, 24 anos, que entrou no grupo ainda em agosto e participou de quase todas as aulas desde então. Ela jogava muito bem e era bastante forte. Rapidamente se tornou amiga de uma das líderes, que não apresentava o vínculo de dupla das outras. As afinidades eram grandes entre elas. Tinham em comum a prática da religião como norteadora de seus valores morais e apesar de freqüentarem igrejas diferentes, comungavam os mesmos projetos de vida e os valores morais sobre a homossexualidade como desajuste espiritual do indivíduo.

As “antigas” que se ausentaram tinham entre 18 e 24 anos. Quase todas participaram apenas de duas aulas. Vinham da antiga turma e foram as poucas que tentaram fazer parte do novo momento das aulas. O retorno era sempre individual, indicando independência do grupo anterior. Elas não conseguiram perseverar. Recebiam a autorização do professor para fazer a aula e eram informadas das novas regras da turma. As líderes mantinham relações cordiais e de amizade com elas, mas impunham, através de atitudes, as normas estabelecidas no ambiente. Falar baixo sem expressões agressivas, rir pouco, não comentar as jogadas das iniciantes e cumprir as exigências dos exercícios de fundamentos propostos pelo professor era sentido mais fortemente nas aulas em que uma delas estava presente. Existiram 3 praticantes, no entanto, que apresentaram as mesmas características desse grupo, apenas sua freqüência, de 2 a 6 aulas, foi um pouco maior e dispersa ao longo do período de observação. Estas não desistiram de fazer parte do grupo e estavam presentes no último dia, onde ocorreu um torneio como atividade culminante. Essas praticantes eram aceitas em condições especiais. Mesmo não cumprindo o horário de chegada, conseguiam, de imediato, lugar no jogo; além disso, dispunham de poder de voz para rever decisões do professor ou das líderes. Entre esses dois tipos evidenciou-se a mesma divisão ocorrida na ruptura da turma. As praticantes com trânsito livre nas aulas tinham uma aparência menos destoante do modelo feminino tradicional e um nível de escolaridade maior do que aquelas que desistiram de retornar.

As novatas que se ausentaram tinham representantes de 14 a 22 anos. Tiveram entrada em número crescente durante o período de observação. Essa categoria, além de maior, apresentou as características mais variadas em idade e período de entrada. Quase todas participaram de 2 aulas, apenas 4 participaram de 6 ou mais aulas. Em todos os casos, a freqüência diária foi quase ininterrupta. O fato de grande parte desistir logo na segunda aula e as demais tentarem por um período contínuo até desistirem indica uma tentação não realizada. Essa categoria é a mais difícil de ser explicada dado que a sua escassa permanência na atividade não permitiu uma observação detalhada dos seus comportamentos. Entretanto, o que se notava era uma impessoalidade e até silêncio, que causava um ambiente de constrangimento. Não havia sequer cordialidades, na entrada e na saída, com nenhuma das novatas. Grande parte não tinha competência para o jogo. Era necessário que a novata entrasse - isso era permitido a ela na necessidade de fazer número - e conseguisse articular todas as interações e códigos de conduta de imediato; caso contrário elas jogavam, mas não interagem. Um exemplo dessa atitude era a comemoração de um gol por uma novata, além de ser um ato solitário, se tornava constrangedor a todos que estavam presente. As que participaram de mais de 6 aulas

tinham idade similar às líderes e desempenho atlético compatível para acompanhar o jogo. No entanto, essa condição não se transformava em uma participação efetiva. Essas novatas, em conversas comigo, reclamavam de não receberem a bola, mas as observações não apontavam isso. Eu não percebia frequentemente que, na lógica do jogo, a bola devesse ir para uma das novatas e não fosse feita tal tentativa de ação. Eu só observava que não havia uma aproximação pessoal e atenção das líderes, como havia com as novatas de menor idade. A integração ao grupo, para as praticantes com idade semelhante às líderes, dependia quase exclusivamente da iniciativa da própria novata.

As análises sugerem a existência de um ritual de passagem para a aceitação de novas praticantes. Desde sua entrada até o pertencimento ao grupo, a pretendente precisava provar suas qualidades para passar do status de estranha, para o de estabelecida. Ela precisava provar ser “uma de nós”⁷. Esse ritual marcava a carreira das novas integrantes no grupo.

Utilizo a atitude emocional da pretendente para analisar esse ritual de passagem, dividido em quatro etapas. A primeira é a da *tentação*, onde a praticante se aproxima, tem o desejo de pertencer e se arrisca em fazer parte do grupo. Essa tentativa está vinculada ao seu projeto individual⁸. A segunda é a *perseverança*, onde a praticante precisa enfrentar as provações internas do grupo para garantir a continuidade da tentativa. Ao mesmo tempo, porém, que experimenta a identificação com o grupo de praticantes de futebol, precisa negociar uma nova linha⁹ em sua vida fora do grupo. A terceira é a *permanência* - a culminância desse ritual de entrada na carreira e que define que a praticante faz parte do grupo, ao verificar que o grupo a reconhece. Essa etapa se caracteriza por um duplo processo de transformação do indivíduo - a apropriação das normas e símbolos comuns do grupo e a consolidação do futebol como um elemento constituinte do seu estilo de vida e de sua identidade. A quarta etapa é a *dispersão*, quando, em alguma das etapas anteriores ou após todas elas, a praticante não conseguiu, ou não quis, dar continuidade ao seu projeto individual de jogar e pertencer ao grupo.

Ao final do ano, entre todas que passaram pelo processo de observação, 12 praticantes estavam presentes. Junto as 4 antigas que permaneceram - as líderes - e as 3 antigas ausentes, que tinham status de orientadoras do grupo, apenas uma novata, que sabia jogar e se uniu a líder que não tinha dupla fixa. Todas essas tinham proximidade de idade. As outras novatas que conseguiram perseverar foram as 4 menores de 15 anos, que se agruparam entre si, com distanciamento das demais da turma, observando e esperando oportunidade de participar.

Existia grande diversidade de classe social, raça, idade, escolaridade, desempenho atlético e estilo de vida nas praticantes que tentaram jogar. Nenhuma dessas categorias se mostrou, isoladamente, suficiente para garantir a permanência. O desempenho atlético era fundamental. Como a aprendizagem no grupo era uma superação individual, *saber jogar* tornava-se significativo para passar pelo ritual; entretanto, as meninas mais jovens não sabiam jogar e mesmo assim perseveraram durante todo o período de observação. A pouca idade pôde ser uma porta de entrada,

⁷ As praticantes veteranas não tem um termo que identifique essa passagem, a aceitação se mostra quando começam a interagir com a novata e quando ela é reconhecida pelas suas competências atlética e de caráter.

⁸ Refiro-me ao conceito de Gilberto Velho (2003), onde o indivíduo estabelece racionalmente sua trajetória e se movimenta de acordo com o seu campo de possibilidades na cultura

⁹ Refiro-me aqui a análise de Goffman que demonstra como um indivíduo precisa se apresentar de forma coerente com a expectativa que os outros tem do que ele está comunicando.

pois evitou a atitude afastada¹⁰ das líderes. Do mesmo modo, as praticantes que tinham a mesma idade das líderes, mesmo tendo um bom desempenho atlético, necessitavam superar a indiferença, provando respeitar e cumprir as normas internas estabelecidas. O pertencimento a uma dupla catalisava o processo de apropriação dos hábitos do grupo, seja com uma líder ou entre novatas. A classe social e escolaridade garantiam eficiência nessas afinidades em dupla. Entretanto, praticantes com estilos de vida diferentes e percebidas como de classe social inferior às líderes conseguiram perseverar e permanecer no grupo, por jogarem bem e por se conformarem no limite das normas impostas por elas. As praticantes que perseveraram, demonstraram competência em acompanhar o grupo das líderes ou em aceitar uma espécie de “adaptação secundária¹¹” que lhes garantiu algum espaço, mesmo que não o melhor espaço.

As líderes ocupavam a posição de guardiãs de suas próprias tradições. Em movimentos silenciosos, como estratégia coletiva pouco consciente, controlavam as ações das novatas e contribuía para a seleção das que permaneciam. Ao mesmo tempo em que necessitavam manter, em alguma medida, as normas institucionais, equalizavam as identidades das praticantes em conformidade com as suas.

No decorrer do ano seguinte, as líderes, junto com as orientadoras e a novata integrada ao grupo, dispersaram juntas dali. Elas passaram a se encontrar em um campo atrás do CEMS, onde uma delas atuava como professora em outro projeto esportivo. Dei continuidade ao estudo acompanhando apenas esse grupo que permaneceu jogando. As jovens novatas, que perseveraram e permaneceram no ano anterior, não as acompanharam. Caso tenham se mantido no local, certamente teriam todas as condições de disputar e assumir a liderança do CEMS.

Carreira, os indivíduos e seus grupos

Na esteira dos estudos de Hughes, Goffman (1987) e Becker (1973, 1977) revelam a possibilidade de identificar uma carreira em todas as experiências sociais com certa duração e um universo fechado ou quadro institucional estruturado. Podemos então traçar uma breve análise comparativa entre os seus estudos e o futebol no lazer das mulheres como uma carreira. Goffman, ao se interessar pelos indivíduos em “instituições totais”, como os doentes mentais, observa os aspectos morais em transformação no curso de suas carreiras de reclusos. Afirma que as representações que o sujeito tem de si se transformam de acordo com os controles sociais exercidos pela instituição. Já Becker, demonstra a existência de um processo de aprendizagem por que passam os fumadores de maconha que vão ajustando as interpretações de sua conduta desviante, justificando, junto aos veteranos de seu grupo, razões e significados positivos para estar ali. A carreira das praticantes de futebol segue uma combinação dessas análises. Se a iniciativa de entrada é voluntária, as transformações necessárias para sua perseverança no grupo são muito mais atos de sobrevivência do que de aprendizado orientado em etapas. As interações iniciais orientam mais a seletividade do que a possibilidade de transformação progressiva das identidades. A instituição em que o grupo estava inserido, por sua vez, é aberta e pública, mas exerce pressões de

¹⁰ Reproduzo o termo utilizado por Gertz (1989), com referência em G. Bateson e M. Mead, sobre a atitude dos balineses com os estranhos.

¹¹ Refiro-me ao conceito de Goffman sobre a margem de manobra que o sujeito, nas instituições totais, utiliza-se para sobreviver as normais da instituição.

conformidade, numa combinação das suas normas mais gerais com as estabelecidas internamente pelas líderes. A praticante de futebol, vai então, como sugere Hughes sobre o curso de uma carreira, interpretar e escolher, com referência no grupo, seu lugar no mundo.

Essas escolhas individuais, nos afirma Velho (1987; 1994), é um processo ambíguo, que combina “individualização e desindividualização do sujeito”. Como característica da sociedade complexa contemporânea, a valorização da individualidade convive com as imposições das instituições, formadas por outras tantas individualidades. A trajetória do indivíduo, então, para se tornar viável “vai depender do jogo de interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidade” (1994, pg 47). O encontro desses interesses comuns pode formar, nos termo de Velho (1994), um “projeto social”. Ao compreender a riqueza simbólica e o potencial de transformação de um “projeto social”, os indivíduos, aqueles que têm essa alternativa em seu campo de possibilidades, podem se submeter as exigências do grupo, se conformando com suas normas e símbolos, na perspectiva dos ganhos que essa carreira lhe oferecerá.

Considerações finais

As praticantes de futebol do CEMS, em sua maioria, se conheceram no local da atividade e apresentaram grandes distinções nas suas identidades sociais. A afinidade inicial que vai uni-las é o gosto pelas atividades esportivas com características de agressividade. A partir daí, as redes de interação fazem circular as informações comunicadas pelas líderes, construindo um espaço de proteção para lidar com o estigma de masculinização relacionado aos esportes coletivos de confronto. No grupo de futebol especificamente, o ritual de entrada preserva o espaço, nos termos de Park, como uma “região moral” desse grupo de mulheres, que valorizam a agressividade e a camaradagem. O ritual funciona comprometendo as integrantes do grupo a eliminar as expressões individuais, favoráveis ou contrárias, que exacerbe o estigma de masculinização. Por terem construído esse ambiente seguro de sociabilidade, elas podem, então, tentar dar vazão ao desejo de jogar futebol e conviverem entre si, minimizando a imagem da atividade de mulheres homossexuais. Mesmo assim, mais que em outros locais públicos, elas podem expressar com maior fruição suas individualidades, criando fronteiras entre as expressões de feminilidade e se estabelecendo, no mapa cultural, entre o desvio e a conformidade institucional, com uma identidade própria - nem muito *brutas*, nem muito *frescas* e sempre discretas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BECKER, H. Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
_____. Métodos de pesquisa em ciências sociais. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
_____. Outsiders: studies in the sociology of deviance. N. York. Free Press, 1973.
CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.
DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In ELIAS, N. A busca da excitação. Lisboa. DIFEL, 1992.

- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989
- GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- _____. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1987.
- HUGHES, E. C. The sociological eye: selected papers on institution and race. Chicago: Aldine Atherton, 1971.
- _____. Ciclos, carreiras e momentos críticos. In: FIGUEIRA, S. A. Psicanálise e ciência social. Rio e Janeiro: Francisco Alves Ed, 1980.
- LOURÃO, L. A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50. In VOTRE, S. (org.). A representação social da mulher na educação física e no esporte. Rio de Janeiro: Ed Central UGF, 1996.
- PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. G. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1967.
- SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). Mana, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>
- SOARES, A. J. G; Leal, T. P; LOVISOLO, H. A formação dos corpos femininos no início do séc. XX. In VOTRE, S. (org.). A representação social da mulher na educação física e no esporte. Rio de Janeiro: Ed Central UGF, 1996.
- VELHO, G. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia das sociedades contemporânea. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- _____. Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- WHITE, W. F. Sociedade de esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In VELHO, O. G. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

Utilizo itálico para marcar os termos nativos e diferenciá-los das referências bibliográficas, essas entre aspas.

Rua Mario Pederneiras nº4, apt 204.
Bairro: Humaitá
Cep: 22261-020
Rio de Janeiro/RJ
ludmila.mourao@terra.com.br
Apresentação em Data Show